

5ª PARTE

Discursos

NO LIMIAR DO INVERNO⁶³

Linhares Filho

Eis-me, pela minha impressão, abruptamente, no limite entre o outono e o inverno. Sim, porque devido à imprevidência humana, nunca se sente, de modo intenso, profundo e real a passagem do tempo. Por isso, só ultimamente, venho a dar-me conta, de fato, com rigor, dessa passagem. Apesar de, já aos 44 anos, ao publicar *Frutos da Noite de Trégua*, meu terceiro livro de versos, denominar uma de suas partes com o subtítulo de "Frutos Outonais", pelo que o crítico e amigo Almeida Fischer escreveu, com estranheza n' *O Estado de São Paulo*: "A poesia outonal do jovem poeta". É que, há 27 anos, já me sentia no outono existencial não pela idade, mas pela maturidade da experiência humana, refletindo-se na arte.

Se, naquele tempo, eu falava de minhas "indecisas cãs", vejo que elas, agora, "tornam-se neve em nítida brancura". E, embora a neve já me alveja a cabeça, o ânimo e o coração mantêm-se em atividade fecunda para contemplar a vida, produzir pretensa beleza e, apesar dos naturais arrefecimentos físicos, participar ainda da glorificação do amor.

Se Carlos Drummond de Andrade afirmou que "Amor começa tarde", entre mim e minha mulher, Mariazinha, o amor só tem crescido em valor espiritual, enquanto o ardor físico, moderado pelo limiar entre o outono e o inverno, vai acompanhando razoavelmente o que é puro sentimento, e o amor a ela, tomado sob vários aspectos, eu quis focalizar em cerca de catorze momentos do presente livro, que se lança, quando celebro, além dos meus 71 anos de idade, 30 de vida acadêmica, 42 de dedicação à Poesia e 45 de união conjugal.

Lembra-me que há pouco mais de um ano, comemorando o que

63 Palavras proferidas no Ideal Clube, por ocasião do lançamento do livro sob esse título.

chamei de começo da velhice, meus 70 anos, coincidentes com minha aposentadoria compulsória pela Universidade, neste mesmo Ideal Clube e neste mesmo ambiente, muitos amigos, capitaneados pelos poetas Dimas Macedo, José Telles, Pedro Henrique Saraiva Leão, Ubiratan Aguiar, João Gonçalves de Lemos e José Maria Chaves, ofereceram-me, em confraternização, um almoço.

Hoje, sou eu quem vos oferece, amigos que aqui acorreis, um pasto espiritual, o da Poesia, que espero não seja por vós refugado, dada a vossa benevolência, o qual se constitui de um punhado de versos, inspirados pela mais recente quadra da existência. Confio em que não sejam os últimos a surgir de minha pena. Não representem, ainda, o canto do cisne, também não se comparem ao esplendoroso canto do uirapuru, mas lembrem ora o canto romântico do sabiá, ora o semicanoro canto do gaturamo, que, segundo Castro Alves, “geme [...] à tarde, no sertão”.

Penso que vos apresento sobretudo poemas líricos, muitos existenciais-ontológicos, outros amorosos, vários se impregnam de cores laudatórias e de algumas notas elegíacas. Dentro da caracterização lírica, ainda, poemas de forte conteúdo místico e outros com definido teor de metalinguagem. Além disso, versos de consciência social e alguns de leves traços épicos, e isso além daquela porção do lírico, do épico e do dramático, que Emil Staiger visualiza em qualquer poema, entendendo prevalecer um desses elementos.

Acredito que neste, como nos demais livros de poesia publicados por mim, adoto um ecletismo conteudístico-formal, condizente com o que se propunha o sincretismo do grupo Sin e mesmo com a atitude da Geração 60 em termos nacionais, como entende Pedro Lyra. E acho que o clima do presente livro, salvo pontos responsáveis pelo ecletismo, mantém-se como o de quem vive um tempo de colheita de frutos outonais, o de quem, na feliz compreensão de Paulo Pereira, “perpassa suas perplexidades ante o mundo” e de quem, segundo ainda esse crítico, produz “Versos escritos sob o signo de Cronos-Saturno em que as elegias, feitas de fragmentos de um passado evocado, compõem,

com os poemas de unção religiosa, a solene resignação ante a transitoriedade do existir". Trata-se um pouco, talvez, do espírito sereno de Ricardo Reis, a contemplar, junto a Lídia, a passagem do rio do tempo, mas sem o platonismo amoroso e sem a capacidade poética do heterônimo pessoano. Penso também que, nesse livro, a dicotomia e a conceituação expressiva fazem-se muito presentes.

Relevai-me a audaciosa intromissão da autocrítica em minhas palavras, quando se espera receber, nesta noite, quase só os resultados da intuição. É que a consciência apolínea, proveniente da qualidade de ensaísta-crítico e de professor, quer sempre marcar sua presença desde o ato de criar até um pretenso momento de avaliação.

Desculpe-me, principalmente, o meu mestre Pedro Paulo Montenegro, a cuja crítica submeti o meu livro, e cujas palavras acato de maneira incondicional. Agradeço-lhe haver aceito apresentá-lo a essa assistência. Relembro os seus magistrais ensinamentos de Teoria da Literatura e de Literatura Comparada na Universidade Federal do Ceará, e declaro-me ainda hoje seu discípulo, mantendo o mesmo respeito por sua palavra lúcida, pelas suas opiniões criteriosas de homem que dedicou a vida à leitura, à pesquisa, à orientação de alunos e à edição de livros de teoria, interpretação e crítica, que atestam sua sensibilidade para o belo e sua finura de pensamento. De modo que é um privilégio para mim contar com apresentação tão abalizada como a do professor Pedro Paulo, hoje, além do mais, meu confrade na Academia Cearense de Letras e amigo, a quem dedico uma afeição fraterna.

Agradeço maravilhado e comovido aos poetas que, de forma generosa, mas com agudeza e sensibilidade, fizeram de minha poesia tema de sua criação artística nesse livro, envolvendo-me num halo de fraternal carinho: Horácio Dídimo, Carlos Augusto Viana, Pedro Henrique Saraiva Leão, Vicente Júnior e Sinval Farias. Os dois primeiros, reincidentes nesse tipo de homenagem imerecida ao seu amigo e todos se aliando a outras não menos significativas homenagens metapoemáticas, registradas em outros livros e provindas dos poetas Francisco Carvalho, Artur Eduardo Benevides e Márcio Catunda.

Reverencio com reconhecimento os que ilustram com suas autorizadas opiniões críticas a contracapa e as orelhas do meu livro: Carlos Drummond de Andrade, Cleonice Berardinelli, Artur Eduardo Benevides, Sânzio de Azevedo, Francisco Carvalho, Anderson Braga Horta, Paulo Pereira e Antônio Martins de Araújo.

Gratíssimo confesso-me ao Ideal Clube pela promoção da presente festa, representando-se essa entidade pela pessoa do seu Presidente, Alcimor Rocha e pela pessoa do seu Diretor de Cultura e Presidente da ALANE, o poeta e médico José Telles, conceituado por sua atuação profissional e pelo vigor de sua poesia. A José Telles devo, além de uma sólida amizade, a promoção mais definida da atual festa, ofertando-me ele, inclusivamente, a animação do som do saxofone de Thiago Rocha, grande músico, que recupera para minha saudade as tardes de Lavras, que eram, na minha infância, embaladas pelo som de um instrumento como esse.

Distingo, encantado e agradecido, o tabalho da Expressão Gráfica Editora pela competência, a organização, o profissionalismo, a pontualidade e a cortesia dos seus diretores e funcionários, e desejo homenageá-la na pessoa do editor, Mauro Gurgel do Amaral Neto, do assessor Larry Pereira, merecendo particular destaque o diagramador e capista Valdiano Macêdo pela sua arte e paciência.

Sou penhorado a minha amiga Regina Pamplona Fiúza, por figurar com *performance* como cerimonialista neste evento.

A vós todos que aqui viestes abraçar-me, familiares, confrades, conterrâneos, colegas, ex-alunos e amigos, a minha profunda gratidão.

Sabe-se que a obra de arte dirige-se a todo o universo. Mas forçoso é confessar a angústia que sinto, ao considerar que minha mensagem poética, pela surdez da maioria dos leitores à voz da Poesia hodiernamente, pela incapacidade de meus recursos criativos e pela fragilidade da distribuição do livro em geral, há de ser precariamente conhecida na cidade, quase desconhecida no País e nada conhecida nos confins da Terra. No entanto, eu quis contribuir, com os meus

poemas, para o conhecimento do ser humano no globo, transferindo para o meu caso o que afirmou José Régio nestas palavras de definição implícita e inabalável do lirismo: "Eh, camaradas, ouvi / que vou dizer-vos quem sois, pois vou dizer-vos quem sou." Apesar de tudo, cumpro convosco minha parte como o passarinho que, de gota em gota de água, na medida de sua potencialidade, contribuía para apagar um incêndio da floresta. Aliás, a imagem, sobre ser gasta, não é muito feliz, pois o que deve mesmo fazer o passarinho, nos dias atuais, é produzir, de faísca em faísca, um grande incêndio, mas de amor, nos corações. Desejo, pelo menos, que poucos ouvidos atentos escutem algumas notas do meu canto de pássaro obscuro. Para isso é que acredito terdes vindo aqui.

Acima de tudo, agradeço humildemente a Deus, que me permite, mais uma vez, edulcorar a existência com uma festa de exaltação ao ato poético, o que equivale a dizer de glorificação da beleza da vida e do humano. Agradeço a Deus, de quem tudo emana e que, ultimamente, neste limiar entre o inverno que chega e o outono que se esvai, vive, mais que antes, a soprar à minha consciência que devo estar preparado não apenas com pobres versos, mas com atos ricos de virtude heróica, (ai de mim!) para a sua chegada de Pai misericordioso mas também de justo Juiz.